

“VAMOS AJUDAR A PROTEGER OS CÉUS UCRANIANOS”. SÉRIO?

Por Olivier Dujardin*



Dois Mirage 2000-5 da Força Aérea francesa voando em formação (Benoit Tessier/Reuters).

Manifesto publicado no Le Monde com propostas para defesa aérea da Ucrânia, assinado por “intelectuais e militares”, é baseado em premissa incorreta e não se sustenta.

A matéria¹ publicada no jornal *Le Monde* em 14 de maio de 2024 por um coletivo de “intelectuais e membros das forças armadas”, intitulada “Vamos ajudar a proteger os céus ucranianos”, suscitou numerosos comentários e reações. Além do lado enganoso do título do coletivo – que sugere que militares da ativa aprovam oficialmente a abordagem quando na realidade é a opinião de ex-militares – esse documento dá a impressão de propor soluções simples e concretas que podem ser implementadas rapidamente. No entanto, nada poderia estar mais longe da verdade: as propostas apresentadas levantam muito mais questões do que as que deveriam responder.

A base do raciocínio é uma comparação com o “fracasso” do ataque de mísseis iranianos contra Israel. Esta comparação já é um problema, pois as situações e os contextos são muito diferentes. O ataque a Israel se beneficiou de um aviso prévio de 72 horas, tendo os iranianos tido o cuidado de alertar tanto os Estados Unidos como os países que seriam sobrevoados pelos mísseis. Além disso, a distância entre o Irã e Israel tornou possível uma ação profunda que deu tempo para agir.

¹ https://www.lemonde.fr/idees/article/2024/05/13/il-faut-procurer-d-urgence-a-l-ukraine-les-moyens-de-fermer-le-ciel-ukrainien-aux-missiles-russes_6232960_3232.html.

Finalmente, sendo um ataque único e pontual, recursos significativos poderiam ser mobilizados para esta operação única durante algumas horas.

O caso da Ucrânia é radicalmente diferente: não há aviso, os ataques são diários, o território a proteger é muito maior e, na fronteira da Rússia com a Ucrânia, não há espaço tampão que permita a antecipação.

DAR MAIS SISTEMAS ANTIAÉREOS PARA PROTEGER A UCRÂNIA

Esta é a principal exigência dos ucranianos, apoiados pelo coletivo, para se protegerem dos ataques com mísseis. A ideia desenvolvida no artigo é que os europeus poderiam doar, pelo menos em parte, seus sistemas antiaéreos. Estes sistemas, existentes e operacionais, poderiam ser fornecidos rapidamente. No entanto, antes disso várias questões devem ser respondidas:

Quem implementará os sistemas?

Se forem os ucranianos, terão que ser treinados, o que leva tempo: implementar eficazmente um sistema antiaéreo é trabalhoso. Demorou cerca de um ano para treinar o pessoal que opera e faz a manutenção das baterias Patriot ou SAMP/T. Este tempo de aprendizado só pode ser reduzido marginalmente. A formação insuficiente de operadores levaria ao consumo excessivo de mísseis com resultados fracos. Se forem nossos militares, seu *status* terá que ser esclarecido: combate direto ou em uniforme ucraniano? No segundo caso, embora tenha sido feito no passado, nunca aconteceu em escala tão grande.

E os mísseis?

Dar baterias antiaéreas é bom; mas fornecer os mísseis que as acompanham em quantidade suficiente é melhor. Os países europeus têm estoques relativamente pequenos de mísseis antiaéreos. Os tempos e volumes de produção não estão de acordo com as necessidades. Vale lembrar que, entre o momento da encomenda de mísseis ASTER e o momento em que são entregues, decorrem 42 meses² e, mais uma vez, essa encomenda não pode exceder algumas centenas de mísseis. Mesmo que esse período seja reduzido para 18 meses até 2026, é óbvio que estamos longe de conseguir um ritmo sustentado ao longo do tempo. A transferência de um grande número de baterias antiaéreas para a Ucrânia levaria ao esgotamento dos estoques de mísseis dentro de poucas semanas, não proporcionando uma resposta duradoura à ameaça, ao mesmo tempo em que nos tornaria vulneráveis.

O que será dos nossos próprios regimentos de defesa terra-ar?

Depois que toda ou parte das nossas defesas terra-ar tenham sido transferidas para um terceiro país, como nossos militares vão treinar e manter seu *know-how*? Essa falta de equipamento arrisca gerar perda de competência em nossas forças armadas e, como sabemos, perder uma competência acontece muito rápido, mas recuperá-la é longo e dispendioso.

Como garantir a nossa própria proteção antiaérea?

² <https://www.leparisien.fr/economie/economie-de-guerre-paris-ordonne-a-des-industriels-daccorder-la-priorite-aux-missiles-antiaeriens-aster-29-04-2024-5ZDS4YUDBBHETILJYL3WV6PDEM.php>.

Uma vez privados de uma parte de nossas modestas capacidades, como seremos capazes de satisfazer nossas próprias necessidades? Os signatários deste coletivo têm uma solução: bastaria juntar os recursos restantes com os de nossos aliados. Assim, alguns imaginam que, por exemplo, os militares americanos poderiam vir e implantar algumas baterias Patriot na França para compensar nossa perda de capacidade. No papel, é tecnicamente inteiramente possível, exceto que eles parecem não perceber que não teremos qualquer controle sobre esses sistemas. São aqueles que os implementam que manterão o controle operacional. Isso significa ter que delegar parte da nossa soberania sobre nossa própria defesa, o que não é insignificante. Teremos também que esperar que outras crises não irrompam em outros locais, ameaçando nossos interesses.

PROTEGER AS FRONTEIRAS DA UCRÂNIA

Esta é a outra opção defendida pelo coletivo. Se não entregarmos nossos sistemas antiaéreos, poderíamos pelo menos posicioná-los nas fronteiras do país para interceptar mísseis russos que estejam dentro do seu alcance de tiro³. A cidade de Lvov fica a 60 km da fronteira com a Polônia e Odessa fica a 155 km da fronteira com a Romênia. Com mísseis, como o GEM-T do sistema Patriot, capazes de atingir 160 km, isso parece, no papel, relevante. Porém, sendo a Terra redonda e as distâncias máximas indicadas não sendo as distâncias efetivas de tiro, a realidade é muito diferente.

Na verdade, é importante levar em conta a margem de operação. Não só a zona fronteira entre a Polônia e a Ucrânia está abaixo, mas existe, entre esta zona e a cidade de Lvov, uma elevação de terreno que esconde a cidade. Isto tem o efeito de aumentar a altura mínima na qual um alvo aéreo pode ser alcançado. Na prática e sendo otimistas, podemos estimar que um sistema terra-ar baseado na fronteira polonesa será incapaz de lidar com um alvo voando abaixo de aproximadamente 300 m de altura. Em relação a Odessa, esta altura mínima será de 1.200 m, sem contar que está no limite de alcance dos mísseis GEM-T, o que reduz consideravelmente a probabilidade de interceptação.

Sabendo que os mísseis de cruzeiro russos do tipo Kh-101 voam entre 40 e 100 m de altitude, os mísseis Kalibr entre 50 e 150 m, e os drones Shahed-136/Geran-2 entre 50 e 5.000 m dependendo da programação, entendemos que tal defesa antiaérea remota seria totalmente ineficaz. Mesmo para mísseis balísticos, a cidade de Lvov, embora relativamente próxima da fronteira, está fora do volume de interceptação do Patriot PAC-3.

Por outro lado, pode-se até imaginar que os russos tirariam vantagem disso para tentar esgotar os estoques de mísseis ocidentais, saturando as zonas fronteiriças com Geran-2, alvos fáceis e baratos. A proteção do território ucraniano não ganharia nada.

³ <https://velhogeneral.com.br/2024/05/07/defesa-antiaerea-principios-tecnicos-e-taticos-2-alcance-maximo-distancia-de-engajamento-e-procedimentos-de-evasao/>.

USAR NOSSA FORÇA AÉREA PARA PROTEGER A UCRÂNIA

Esta é a última proposta do coletivo: mobilizar nossa própria aviação – aviões radar AWACS e aeronaves de combate – para detectar e abater mísseis russos que sobrevoem a Ucrânia. Esta proposta não especifica se a aviação terá ou não que atravessar a fronteira ucraniana, o que já revela uma certa imprecisão no desenvolvimento das propostas. Se nossa aeronave penetrasse no espaço aéreo ucraniano, isso representaria grandes problemas de coordenação com a defesa terra-ar ucraniana, com riscos significativos de fogo amigo.

As questões levantadas pela proposta já foram amplamente discutidas por ATE CHUET⁴, ex-piloto de Rafale da aviação naval, em um de seus vídeos. Para resumir seu ponto de vista, isso exigiria a implantação de aeronaves permanentemente em voo, essencial para se ter uma chance de interceptar os mísseis a tempo. Essa permanência seria extremamente restritiva em termos de fadiga da tripulação e desgaste do potencial da aeronave. Para além do custo financeiro de tal operação e do consumo de mísseis, dos quais não temos milhares em estoque, isso levaria muito rapidamente a uma queda na competência das tripulações que já não seriam capazes de realizar um ciclo de treinamento normal para manter suas habilidades em outros domínios de combate.

Concretamente, esta postura não é sustentável ao longo do tempo. Rapidamente, nossas aeronaves ficariam aterradas, seu potencial esgotado e as quotas de horas de voo das tripulações seriam atingidas.

* * *

Alguém pode perguntar sobre o objetivo desse coletivo. Se muitos dos signatários não têm a menor competência para julgar a relevância das propostas, há antigos oficiais superiores e generais a quem estes aspectos não podem ter passado despercebidos. Esse conjunto de propostas, tão ineficazes quanto irrealistas, não pode, objetivamente, ajudar a Ucrânia de nenhuma forma. Então, por que alguns oficiais aposentados toleram isso? Qual é o objetivo almejado, mesmo sabendo muito bem que nada disso será implementado, ou apenas de forma simbólica para dar a impressão de se ter agido? É apenas por sua imagem? Para encobrir o fato de termos mentido aos ucranianos sobre nossa capacidade de apoiá-los? Por um objetivo político?

Estas são, em última análise, as principais questões que me ocorrem depois de ler a matéria, que é tão simplista quanto desconectada da realidade operacional.

Publicado no [Cf2R](#).

****Olivier Dujardin** é pesquisador associado do Cf2R (Centre Français de Recherche sur le Renseignement), chefe da seção de tecnologias e armamentos e consultor independente. Ele tem mais de 20 anos de experiência em guerra eletrônica, processamento de sinais de radar e análise de sistemas de armas. Ocupou cargos operacionais em guerra eletrônica, no estudo de sistemas de radar, guerra eletrônica e análise e coleta de sinais eletromagnéticos. Ele também ocupou o cargo de especialista técnico em sistemas de coleta SIGINT.*

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=C6Bx0-kIBi0>.